



António Modesto

Seios, 300 desenhos

300 Desenhos, lápis de cera Caran d'Ache Neocolor II sobre papel Canson, 10,5 x 14,8 cm

Agradecimentos

Agradeço reconhecidamente a todas as mulheres que contribuíram para a concretização deste trabalho; à Galeria da Biodiversidade – Centro Ciência Viva, Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto; a Alexandra Matias, Carla Morais Pires, Desmond Morris, Emílio Remelhe, Luís Mendonça, Maria João Fonseca, Nuno Ferrand de Almeida, Paula Silva, Rui Magalhães/Edições Húmus, SAL Studio; aos colecionadores particulares a cedência das obras para a exposição.

AM

António Modesto nasceu em Ponte do Abade, Aguiar da Beira, em 1957. Estudou arte e design na Escola Superior de Belas Artes do Porto — atual Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto —, onde foi professor desde 1983 até se aposentar, em 2023.



Livro *Breasts Seios*, Edições Húmus, com 236 desenhos de António Modesto e prefácio de Desmond Morris.

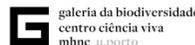
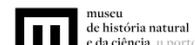
Galeria da Biodiversidade – Centro Ciência Viva
Jardim Botânico da U. Porto
1 de março a 30 de abril de 2025

Textos

António Modesto
Desmond Morris
Alexandra Matias, FM.UP
Emílio Remelhe, FBA.UP
Paula Silva, FADE.UP

Design da exposição

Luís Mendonça



Design SAL Studio 02.2025

Os 300 desenhos aqui expostos foram executados a lápis de cera sobre papel, entre 2010 e 2025, a partir da leitura do livro *A Mulher Nua – Um Estudo do Corpo Feminino* (2004), de Desmond Morris. São representações de seios de mulheres reais que tiveram sempre uma câmara – a fotografia – de permeio. Se a leitura do texto e as fases da morfologia dos seios humanos femininos me influenciaram nos primeiros desenhos, com o tempo o projeto foi adquirindo outras características, nomeadamente culturais. Assim, para além da expressão artística própria de cada desenho, e das evidências da fisionomia biológica, também podemos ler no seu conjunto uma metáfora da diversidade do Mundo: a forma, a cor/luz, o tempo, a estética, o adorno, a manipulação, o pudor, a exibição, a política, o erotismo, o alimento, a doença, a morte... *António Modesto, 2025*

Os seios da mulher são únicos, pois mantêm-se aumentados e redondos até mesmo quando não estão a produzir leite para um bebé.

Já os das fêmeas dos chimpanzés, os nossos parentes mais próximos, só aumentam de volume quando uma cria pequena precisa de ser alimentada. Como tal, a forma dos seios humanos não está relacionada com os cuidados maternos, mas com outra coisa qualquer, nomeadamente a beleza sexual. A maior parte do tecido no interior da mama não produz leite, é meramente tecido adiposo que lhe confere a forma arredondada. Este é um dos sinais sexuais básicos da espécie humana.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

Durante a nossa evolução, altura em que perdemos a espessa camada de pelo e nos tornámos aquilo que designei como “macacos nus”, a pele exposta, macia do corpo feminino tornou-se um sinal de exibição erótica e, quanto mais macia e redonda, mais atrativa parecia aos olhos do macho humano. Há nádegas arredondadas, de novo uma característica unicamente humana, ombros arredondados e joelhos arredondados. Todos estes hemisférios aos pares exerciam uma atração profunda sobre o macho humano, e o arredondamento dos seios fazia parte desta atração.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

Claro que não é por acaso que este arredondamento começa a notar-se quando uma jovem fêmea atinge a puberdade e está pronta a reproduzir-se. Ao atingir a idade ideal para acasalar, os seios aumentam de volume e tornam-se mais firmes. Quando essa idade passa, e à medida que a maternidade assume um papel predominante, começam a descair e perdem a aparência juvenil. Por fim, em idade já avançada, tornam-se novamente achatados, uma vez que o seu dever está cumprido e já não há qualquer necessidade de exibição sexual. Analisar o tempo de vida dos seios, a sua ascensão e queda, como acontece neste livro, é uma forma de examinar o que significa ser detentor de um corpo de mulher.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

Desmond Morris

(Prefácio de *Breasts Seios*, Edições Húmus, 2025)

Proposta inacabada

Seios, parte do corpo que, reiteradamente, se obriga a esconder. Nesta obra de António Modesto, não se mostram seios, antes é retirada essa proibição, com uma intencionalidade que luta contra a objetificação e violentação dos seios, apelando à sua ressignificação.

Seios desnudados e livres de controlo social, de adornos que os constingem, de amarras culturais que os objetiva. Manifesto de resistência à censura e coisificação dos seios. Seios que fugiram a espartilhos, às roupas, a adornos, e se expressam na diversidade de formas, tamanhos, texturas e condições.

Para além de com a roupa tapados, os seios são sustentados, e mais que protegidos ou acomodados eles têm de ser modelados, erguidos, desenhando decotes e invisibilizando mamilos. O maravilhoso (*wonder*) sutiã que comprime os seios, promove uma opressão simbólica ao querer impor uma estética hegemónica desacertada com o corpo que o veste. E é este corpo que o desporto educa e glorifica, mas que categoriza e adestra. Mais uma vez, nas expressões desportivas os seios são contidos, espalmados para não causarem incomodidades na busca de performances de excelência. São despídos quando dualismos essencialistas se impuseram (e impõe) às singularidades de cada corpo e se verificaram categorizações sexuais dicotómicas impostas (testes de verificação de sexo na década de 60, extintos no fim do século passado). Também são aumentados, delineados e até erotizados, quando a prática desportiva resulta num corpo hipermusculado e o esvazia de feminilidade. Atletas confirmam uma feminilidade enfatizada e esperada, ao investirem na modelação de seus seios respondendo a uma cobrança cultural.

Os seios da obra de António Modesto convocam-nos para a diversidade, para a singularidade dos corpos, mas exigem-nos uma (re)educação do olhar, que deve ser livre de amarras essencialistas e padronizações culturais. As leituras e o simbolismo destes seios nus constituem desafios de mudanças, pelo empoderamento dos corpos, pelo esbater do privado e do público em que o seio, respetivamente, se liberta ou se esconde. Os corpos expostos no desporto, ratificam a necessidade da visibilidade de corpos plurais e do respeito das suas manifestações, sem os opacificar ou demarcar. O desporto tem também de se assumir como um agente (trans)formador nas possibilidades que os corpos podem evocar.

Busca-se no desporto um outro olhar, tal como o olhar livre sobre estes seios, que livres nos interpelam.

Paula Silva, FADE.UP

Polinização

Um século passado sobre a edição da *Desumanização da Arte* de Gasset – e alguns mais sobre outros *avisos à navegação*, para os quais não há aqui espaço –, mantém-se o desafio de ultrapassar o menor esforço perante o dilema de ver o *jardim* ou o *vidro* da janela que no-lo dá a ver. A arte revela-se naquilo que esconde; mas o que nela se esconde está, ou pode estar, à vista de todos, ao acesso de todos quantos queiram escavar o conhecimento com e a partir dela. Discorrendo sobre a leitura, a receção da obra, e tomando as *Três Graças* de Tintoretto, C. S. Lewis identificava dois tipos de observação da pintura: a de quem parte do quadro “*para uma meditação sobre a mitologia grega*”; a de quem usa o quadro como disparador da *libido*, fazendo dele um *uso pornográfico*.

As imagens artísticas *sexualmente explícitas* (seja lá o que isto for ou pareça ser) são contínua e ciclicamente objeto de polémica. Volta e meia disparam ações e reações em cadeia, replicando gestos, tomadas de posição, manifestos, enunciados... que expandem a perceção mas também a constangem, embrulhando-as no tédio; as peripécias em torno d´*A Origem do Mundo* de Courbet, por exemplo. Adiante. Procurando suspender o juízo de valor, pedindo empréstimos a Deleuze e Guattari, interessa-nos menos a apologia desta ou daquela coordenada no mapa da *aventura semiósica* humana e mais as *ligações*; interessa-nos menos o «ou» que separa, mais o «e» que promove *encontros*; quiçá focar *vidro* e *jardim* ao mesmo tempo, coisa que o olho humano só consegue fazer por exclusão de partes.

A mente de um pintor, conforme a via Leonardo da Vinci, *deve assemelhar-se a um espelho, que toma sempre a cor do objeto que reflete e está completamente ocupado por imagens*. Como agente que especula, e que escolhe continuamente o tamanho, o material, o lugar e a orientação do(s) espelho(s), o artista experimenta, absorve, re-dispõe, reinventa e propõe imagens; *desloca-as* por entre contextos e contingências em direção à síntese potenciadora de novas *ligações*. Conhecemos o António Modesto da pintura e, principalmente, da ilustração de livros para a infância. Podemos fazer corresponder a ilustração a um conceito – o de *iluminação*, por exemplo; ou entendê-la através do composto de conceitos e práticas em aberto que tem proliferado; ou ainda para a *função comunicativa* do desenho, a braços com a *dialética do ênfatismo-exclusão*, tratada por Massironi no seio do desenho.

Modesto declara, neste trabalho, a relação programática entre a fotografia e o desenho. Prescindiu da relação direta com o referente,

em favor do modo diferido. Mas este deferimento não é refém de constrangimentos materiais; antes implica, acarreta e potencia – por via da articulação informada dos meios e da manipulação deliberada das imagens –, marcas físicas e semânticas que determinam o caráter do resultado. Seja qual for o ponto de partida e o rumo da discussão, as relações entre arte e tecnologia estão implícitas (e são explícitas), quer nos processos, quer nos produtos. A fotografia e, antes do seu aparecimento, a óptica, têm condicionado o fazer artístico no plano técnico, mas também nos aspetos concetuais. Podemos ver esses recursos ou próteses oficinais como formas de compensação, atalho ou até dissimulação. No entanto, para quem produz e para quem recebe, o deslocamento da fotografia para o desenho-pintura, do signo icónico para o signo gráfico/plástico, é uma operação plural, técnica e concetualmente complexa, que modela culturalmente a nossa experiência e consciência. Modesto vale-se da sua experiência e, mais ainda, da nossa: é à boleia da nossa experiência multidimensional que o seu trabalho nos é dado a ver: o passeio do olhar é assistido, intra e inter imagem, mais pela sugestão do que pela descrição; o corpo-a-corpo configura sequências e adere aos cortes, descodifica campos e imagina extracampos, monta o damasiano *filme no cérebro* e traz à consciência a miríade inevitável de imagens – os desenhos expostos são o gatilho.

O formato reduzido e o enquadramento fechado convidam ao intimismo, reduto da sedução, do erotismo, do voyeurismo; mas a proximidade do olhar é também um anzol para nos prender aos estágios do corpo, ao envelhecimento, à amputação, ao perecimento. Diríamos que há aqui uma polinização (que nos foi também sugerida pela tradicional cera de abelha dos lápis de cera). O zumbido dos agentes polinizadores – gesto, material, retórica... – produz um eco transtextual sugestivo, cruzando filiações artísticas e opções estéticas com o imaginário coletivo, com a pose e o protocolo, com a contingência cenográfica, com a encenação política, com a prática científica, com o estereótipo, com hábitos sociais e dilemas éticos. Na sua trans-formação em direção à morte, o corpo encontra nas re-a-presentações o alcance simbólico e a longevidade que lhe é biologicamente negada – até ver.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

Emílio Remelhe, 02.25 FBA.UP

A medicina dos seios ou os seios na medicina: *quo vadis?*

Analisar o tempo de vida dos seios, a sua ascensão e queda, a saúde e a doença, é uma forma de examinar o que significa ser detentor de um corpo de mulher e fazer um caminho. A decisão de examinar uma única parte do corpo feminino tradicional sem uma identidade, em vez do corpo inteiro ou da própria ideia de feminilidade, torna esta exposição propositadamente focada. Promove uma visão particularmente abstrata e formal do seio: como é que essa coisa bela e específica inspira os artistas? As curvas, as cores, as ondulações da pele e da carne, as cicatrizes, são o tema dos trabalhos aqui expostos, muito mais do que os fluxos e refluxos culturais dos seios e das pessoas que os possuem.

O que podemos ler nesta série é também uma metáfora da diversidade do mundo: forma, cor/luz, tempo, estética, adorno, manipulação, pudor, exibição, cultura, política, erotismo, comida, doença, morte. Embora os seios nus estejam em toda a história da arte, na sua maioria, essas representações foram criadas por homens. As imagens antigas e pré-cristãs de mulheres oferecem narrativas de fertilidade, abundância e poder matriarcal que estão fora dos limites das representações contemporâneas da feminilidade, mas que, no entanto, influenciaram a forma como os seios são compreendidos hoje. Consequentemente, a maioria dos retratos históricos dos seios reflete as expectativas heteropatriarcais da beleza feminina durante o período em que foram feitos. Hoje, os artistas contemporâneos – muitas vezes mulheres – utilizam os seios nos seus trabalhos de forma subversiva, humorística e empoderada. Primeiramente esculpidos em pequenas estatuetas de “Vénus” há cerca de 25 mil anos como totens de fertilidade, são agora vistos (ou escondidos) como um símbolo poderoso de desejo, maternidade, feminismo, sexismo, ideais de beleza, desafio, controvérsia, mutilação e doença, dependendo do contexto. As *Madonnas del Latte* representam a amamentação, que era algo que apenas pessoas da classe trabalhadora faziam: amamentavam os próprios filhos e eram contratadas como amas de leite para famílias de classe mais alta. Mas esta inspiração passou de moda após o Concílio de Trento, na década de 1560, que delineou os limites da iconografia aceitável pela Igreja Católica dado que, a intimidade de Maria alimentando o seu filho, era demasiado corpórea para a igreja. Na França do século XVIII, era muito mais chocante para uma mulher mostrar o tornozelo ou o joelho do que os seios. Os seios de uma mulher diziam mais sobre o seu *status* na sociedade do que sobre a sexualidade.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

A mulher com seios aumentados e redondos, como se vê aqui, é o tipo de mulher que os homens preferem.

Na verdade, uma jovem exibindo os seios implicava inocência e pureza (não tendo ainda amamentado um filho, presumivelmente ainda era virgem), e a exposição de um dos seios também simbolizava tipicamente um forte caráter moral. Nesta altura, a classe passa a ser importante na leitura desta história: geralmente eram os seios das mulheres da classe alta que interessavam, seja como objetos a serem escondidos ou exibidos. Mulheres em terras colonizadas por potências europeias eram muitas vezes apresentadas com os seios nus, significando a sua aparente falta de civilização e a desigualdade para com as mulheres brancas. No final do século XIX, Edvard Munch pintou duas importantes obras nas quais a representação da mama tem o propósito de transmitir uma emoção e uma mensagem com forte ressonância sexual. No início do século XX, a nudez era geralmente utilizada como ferramenta de compreensão do psiquismo e carregada de um significado humanizado. Naqueles anos, ficaram conhecidos os nus de Egon Schiele, retratando estes seus corpos nus uma sexualidade livre e crua que chegou a ser acusada de pornografia. Mais recentemente, o desenvolvimento da arte moderna e da abstração tem levado a representações dos seios sem o corpo a que pertencem: os círculos concêntricos repetidos em *Origine*, de Panno, ecoam Marcel Duchamp em *Prière de toucher*. Apesar da associação erótica dos seios, poucas destas obras são particularmente sexuais. A descorporificação da maioria dessas obras não permite qualquer sentido de conexão humana.

O seio feminino – muitas vezes ainda objeto de tabus, escândalos ou interesse voyeurístico – é elevado através da arte e torna-se portador de uma importante mensagem política. Os seios podem ir e vir de corpos de diferentes identidades. Cada vez mais mulheres jovens são afetadas por cancro da mama, com a consequente mutilação prematura. Muitas sobreviventes do cancro da mama já não têm os seus próprios seios, pelo que os seios podem ser algo que é removido do corpo. Em contraste, a utilização crescente de próteses mamárias, passa a ser uma forma de acrescento aos seios e de ganho de auto-estima.

Mas afinal o que é um seio? Um misto de glândulas e gordura para fazer um órgão único com múltiplos significados: o erotismo e a sedução, a fertilidade e a maternidade, a pureza e a sensualidade, que fazem deles o nexo de uma mistura explosiva de emoções, políticas e desejos.

Alexandra Matias, FM.UP